

século/siglo/century

XXII



sinopse

Com a chegada do século XXII, o planeta encontra-se no auge das suas contradições, expondo, por um lado, cenários austeros e cada vez mais inóspitos para grande parte da população e, por outro, um avanço tecnológico sem precedentes capaz de oferecer vidas virtuais paradisíacas a uma pequena parcela da população cada vez mais escrava dos seus próprios impulsos hedonistas. É nesta tensão, entre uma população insatisfeita, mas controlada por sistemas cada vez mais perfeitos de domínio de massas, e uma elite apática incapaz de emocionar-se a não ser por meio do consumo, que os nossos personagens transitam em busca da sua essência humana.

Por que falar do futuro com toda a complexidade do cenário atual? A ficção científica tem uma longa tradição de realizar exercícios de imaginação sobre os desdobramentos de cada época, muitos dos quais se revelaram com o tempo verdadeiras profecias, enquanto outros, embora não tenham se concretizado tal qual previstos, são muito eloquentes em relação ao imaginário de uma época e, portanto, aos valores e preocupações daquele tempo. Poderíamos citar, por exemplo, a definição que Jacques Le Goff faz sobre os documentos históricos, segundo a qual, estes seriam “resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que os produziram... Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprios. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é uma mentira”. Assim, o mesmo raciocínio vale para explicar uma obra de ficção científica, não passa de uma “mentira”, como diz Le Goff, porém bem entendido que esta mentira carrega todas as grandes verdades de uma época.

No teatro ou nas artes, esta relação é ainda mais direta, já que escusados do compromisso de ater-se ao válido ou ao verdadeiro, os artistas podem dar vazão à sua imaginação que, como dito acima, está prenhe das marcas da sua época. Nesse sentido, escolhemos o futuro para falar do presente, colocar em questão o nosso modo de vida atual e as consequências dos seus possíveis desdobramentos se não houver grandes transformações.

É na esteira da tradição literária de construção de distopias que levam a extremos os nossos desafios atuais, como 1984, Admirável Mundo Novo, Fahrenheit 451, entre outros, que decidimos pensar o nosso futuro, simbolizado pela chegada do próximo século. Este é exatamente o ponto de partida para a criação do espetáculo Século XXII.

objetivo

Portanto, o objetivo é criar um espetáculo de ficção científica a partir da pesquisa corporal e de referências literárias e visuais que nos permita uma crítica ao nosso modelo de sociedade atual e um questionamento sobre o lugar do humano nas gerações vindouras. E para falar de um futuro, possivelmente dominado pela tecnologia e pela concomitante escassez de recursos, utilizaremos o que temos de mais essencial, a saber, o nosso corpo e a nossa fisicalidade.

descrição do projeto

E porquê o mimo?

O mimo corporal surge como uma escolha natural por vários motivos. Obviamente, o projeto nasceu da vontade de atores que em comum tinham, principalmente, um trabalho e uma pesquisa na área da mímica corporal, o que por si só já direciona o interesse na escolha da linguagem e do estilo. No entanto, outro fator crucial para escolher o mimo corporal como linguagem para um projeto que se propõe a tecer uma ficção científica sobre o próximo século refere-se justamente a uma das premissas do mimo corporal. Para ele, o teatro, a essência do teatro, reside no corpo do ator. É no corpo do ator que se concretiza a sua arte. Todos os demais elementos de uma produção teatral são evidentemente muito bem-vindos, especialmente nos nossos tempos atuais, quando o hibridismo de estilos e linguagens se mostra cada vez mais frutífero em termos artísticos. Contudo, não deixa de ser o corpo do ator o meio principal que distingue o teatro e o seu ponto de partida.

Isto é ainda mais relevante quando a proposta visa abordar o tema da tecnologia e, em especial, da virtualidade cada vez mais onnipresente no nosso quotidiano. A virtualidade ganha cada vez mais espaço em todas as relações, desde as profissionais às mais pessoais, e o mundo emoldurado pelas fronteiras do nosso telemóvel é cada vez mais a nossa “realidade”. Neste cenário, a matéria, o físico e o corpo perdem espaço, as novas gerações cada vez menos se relacionam com o seu próprio corpo, a não ser como tela de pintura do grande espetáculo da “sociedade do espetáculo”. A imagem torna-se maior que o próprio ser. E é nesse sentido que pensamos que escolher uma linguagem predominantemente corporal como o mimo é uma espécie de contraponto que pode aprofundar a reflexão crítica.

ensaios virtuais e ensaios presenciais

Século XXII propõe-se a falar do futuro, antecipando uma hegemonia do virtual sobre o material, baseada em algoritmos e na tradução de todas as esferas possíveis do humano em combinações binárias entre 1 e 0. No entanto, não se trata de uma postura neofóbica, que se alarma diante das inovações tecnológicas, vendo nelas o reflexo unívoco de uma ideia de mal ou imoralidade, nem tão-pouco de uma postura neófila, que vê, por outro lado, a revolução e a salvação, como encarnação do bem, em cada novo advento. A tecnologia é um conjunto de ferramentas e, como tal, é amoral, no sentido de não possuir um valor intrínseco por si só. As inovações são respostas a perguntas que nos fazemos e estas sim possuem um valor moral. Também o emprego que se lhes dá define a moralidade do instrumento e não a sua natureza. Exemplo disso são as inúmeras invenções em todas as áreas, desde a farmacêutica à de transporte, que surgiram inicialmente com fins bélicos e, com o tempo, ganharam finalidades mais benevolentes. Infelizmente, o contrário também é verdadeiro na nossa história, invenções que a princípio tinham propósitos mais nobres logo tornaram-se vis instrumentos de matança. A ferramenta, por si só, não tem moralidade, o humano é quem lhe atribui os valores com o seu emprego.

Deste modo, o que queremos dizer é que no processo de apontar as complexidades e os problemas que um mundo marcado pela virtualidade, em sociedades que se apoiam na desigualdade de direitos, usar as próprias ferramentas que a virtualidade oferece pode ser uma forma de subverter o pensamento hegemónico e encontrar as suas brechas e fendas. Assim, a nossa proposta de pesquisa começa com a produção à distância, na qual atores de três países em dois continentes distintos se propõem a fazer um espetáculo de teatro físico tendo como espaço de criação o mundo virtual. Utilizando as ferramentas de comunicação instantânea com câmaras e microfones com transmissão em tempo real, os atores iniciarão o processo de pesquisa teórica e prática à distância. E este processo, em si, já pode incluir a participação de público selecionado para contribuir em determinados momentos da criação. É claro que o projeto prevê um período de três meses de pesquisa e criação presencial, em que os atores se reunirão de facto para colocar em prática no mesmo espaço físico todo o material reunido e criado no primeiro momento em espaço virtual. Mas os primeiros meses da pesquisa serão desenvolvidos neste espaço virtual propiciado pelas ferramentas de comunicação instantânea. Quais são os desdobramentos disto? É o que pretendemos descobrir, afinal parecemos justo e adequado ao tema, que também o método de trabalho tenha o seu componente de ficção científica.

pluralidade de olhares

Outra característica diferencial do projeto Século XXII é que ao nos propormos tecer uma trama de ficção científica, que, como afirmamos acima, não passa de uma grande “mentira”, entendida como reflexo do imaginário que, portanto, carrega as grandes verdades de uma época, o espetáculo trará à tona os receios, as esperanças, as convicções e os valores de cada um dos seus cocriadores. Nesse sentido, parece-nos especialmente rico reunir atores que se encontram em países diferentes no mundo ibero-americano. As projeções sobre o futuro, longe de profecias, são construtos que desvelam o olhar de cada um sobre o mundo atual. Assim, não é incompreensível que o modo de vida em cada país tenha efeitos indeléveis sobre esse olhar. Nas nossas conversas preliminares, isto tem de facto sido uma constatação frequente. A vida num país da América do Sul, como o Brasil, que apesar de uma economia pujante, encerra imensas desigualdades e um sem número de eventos irracionais que são vistos como assustadora normalidade por uma população já anestesiada diante do sofrimento alheio, sociedade em que ser abordado por assaltantes armados é algo corriqueiro ou onde as mortes causadas pela própria polícia superam estatísticas de muitos países em guerra, não é de se estranhar que as especulações sobre o futuro tenham certo sabor pessimista com tendências mais distópicas. De forma inversa, a vida em sociedades europeias, apesar dos inúmeros conflitos étnicos que tomam o continente e a crise própria do sistema nas últimas décadas, ainda parece não querer abandonar suas convicções humanitárias que decorreram das sequelas da segunda guerra mundial. A racionalidade ainda constitui um bastião importante na esperança por um mundo melhor e é de se esperar que um olhar imbuído de tal espírito possa prever imagens mais otimistas. É nesse balanço, de uma pluralidade de olhares, que esperamos encontrar as imagens do Século XXII.